



SNBU 2025

XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 2 – Inclusão e Pertencimento

Autismo e bibliotecas universitárias: como a biblioteca pode apoiar a pessoa com transtorno do espectro autista na sua jornada acadêmica

Autism and university libraries: how the library provide support to a person with autism spectrum disorder in their academic journey

Ana Rosa Santos – Universidade Federal Fluminense (UFF) – ana_rosa@id.uff.br

Resumo: Pesquisa bibliográfica, exploratória, qualitativa sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Bibliotecas Universitárias. Objetiva levantar como apoiar estudantes com TEA. Traz informações com base no DSM-5. Sinaliza motivos do aumento dos diagnósticos de pessoas com TEA. Destaca importância de considerar demandas dos estudantes com TEA, para evitar capacitismo nos serviços, produtos e espaços. Recomenda uso de "design universal" e "linguagem simples". Sugere promoção da conscientização através de eventos. Indica possibilidade de parcerias bibliotecárias com órgãos de inclusão das universidades. Aponta suporte atitudinal e informacional como fundamental. Conclui que existem poucas pesquisas e ações, devendo estas serem promovidas.

Palavras-chave: bibliotecas universitárias; autismo; inclusão; neurodiversidade.

Abstract: Abstract: It's exploratory research on autism and University Libraries. It aims to identify ways to support students with ASD. It provides information based on the DSM-5. It points out the reasons for the increase in diagnoses ASD. It highlights the importance of considering the demands of students with ASD. It recommends the use of "universal design" and "plain language". It suggests promoting awareness through events. It indicates of partnerships between libraries and inclusion bodies at universities. It points out attitudinal and informational support as essential. It concludes that there is little research and actions, and that these should be promoted.

Keywords: university libraries; autism; inclusion; neurodiversity.





1 INTRODUÇÃO

No Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5), o transtorno do espectro autista (TEA) caracteriza-se por:

[...] déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychiatric Association, 2013c, p. 31, grifo nosso).

Nesta mesma edição, do DSM-5 (p. xlii, 2013c), houve a “fusão de transtorno autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento no transtorno do espectro autista”, visto que “os sintomas desses transtornos representam um *continuum* único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave”. Desta forma, é ressaltado que “essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados”.

Em 2022, foram implementadas novas mudanças no DSM-5. Destaca-se a questão da necessidade de atendimento de todos os subcritérios ligados à comunicação social para um laudo de TEA. Essas mudanças também objetivaram uma maior precisão diagnóstica e alinhamento com a literatura científica mais recente sobre TEA, de modo evitar erros diagnósticos (Bertelli, *et al.*, 2025, p. 6).

O Censo de 2022 identificou 2,4 milhões de pessoas com (TEA), isto é 1,2% da população brasileira, em sua maioria crianças e adolescentes (Siqueira, 2025). Assim, trazendo a questão autista para o contexto universitário, como uma questão sobre pessoa com deficiência (PcD), conforme o Art. 1º, § 2º da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, destaca-se outro trecho do DSM-5, que traz uma característica vista em adultos com TEA, que é o *masking* (camuflagem, mascaramento autista), que é a supressão de comportamentos autistas como defesa e melhor interação social. Deste modo:

Considerando que os sintomas mudam com o desenvolvimento, podendo ser mascarados por mecanismos compensatórios, os critérios diagnósticos podem ser preenchidos com base em informações retrospectivas, embora a apresentação atual deva causar prejuízo significativo (American Psychiatric Association, 2013c, p. 31-32).



Destarte, o *masking* usado como mecanismo de defesa, contra o estigma social, o *bullying* e outros problemas de interação, pode dificultar a identificação destas pessoas, que hoje podem está em nossas bibliotecas. Mas cada vez mais, muitos diagnosticados estão se identificam, o que pode facilitar o trabalho bibliotecário. Mas é importante que se evite o capacitismo¹, por isso a necessidade de desenvolver competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) para esse trabalho.

Olivati *et al.* (2020) elenca recursos que podem ajudar as pessoas com TEA a concluir a sua jornada acadêmica com mais suporte, destaca-se alguns abaixo:

- Suportes atitudinais: A pessoa com TEA deve ser respeitada e suas características legitimadas. Para isso, é preciso que a comunidade acadêmica aprenda a conviver com o sujeito nesta condição e legitime seu modo de ser. Diálogos em formato de frases curtas e claras, velocidade e ritmo de fala reduzidos são sugestões para facilitar a comunicação com a pessoa com TEA. A prática do *bullying*, expressa por meio de zombarias, e/ou a exclusão da pessoa de grupos de colegas devem ser eliminadas.
- Suportes informacionais: Se faz necessária a disponibilização do mapa da unidade, com telefones e itinerários de serviços da universidade. Sites com layouts simples e organizados, a partir de diagramas, facilitam a orientação e o acesso às possibilidades acadêmicas, como informações sobre atividades extracurriculares, organização estudantil, laboratórios da universidade, departamentos, oportunidades de bolsas de estudos e carreira, dentre outros dados essenciais [...] (Olivati *et al.*, 2020, p. 24).

Vê-se que esses recursos são básicos, e podem atender às pessoas com TEA, e a todas as outras pessoas. Deste modo, este trabalho apresenta um levantamento bibliográfico, objetivando oferecer informações aos bibliotecários para melhor apoio as pessoas com TEA, nesta jornada acadêmica. Tem-se a intenção de colaborar com o aumento das taxas de retenção e conclusão dessas pessoas. Justifica-se assim, a relevância deste levantamento, que visa promover o oferecimento de produtos, espaços e suporte atitudinal a essas pessoas nas bibliotecas universitárias brasileiras.

2 METODOLOGIA

Apresenta pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, realizada através de levantamento bibliográfico no Portal Periódicos Capes sobre o tema: transtorno do espectro autista em bibliotecas universitárias, realizada em 25 de abril de 2025. Usando

1 Discriminação contra pessoas com deficiências físicas, intelectuais ou psiquiátricas (DECs, 2025).

os mecanismos: “buscar por assunto”, “busca avançada”, “busca tudo”, em português e em inglês, como pode ser visto abaixo:

Figura 1 – Levantamento bibliográfico em português do Portal de Periódicos da Capes

The screenshot shows the Capes Periodicals Portal search interface in Portuguese. The search scope is set to 'Buscar tudo'. The search criteria include 'bibliotec*' in the 'Contém' field and 'autis*' in the 'E' field. The search button is labeled 'BUSCAR'. Below the search bar, it shows '3 resultados' and a 'Selecionar tudo' checkbox.

Fonte: Portal de Periódicos da Capes.

Descrição: A figura 1 apresenta a estratégia de busca em português, onde foram usados os termos: bibliotec* and autis

Figura 2 – Levantamento bibliográfico em inglês do Portal de Periódicos da Capes

The screenshot shows the Capes Periodicals Portal search interface in English. The search scope is set to 'Buscar tudo'. The search criteria include 'autis*' in the 'Contém' field and 'librar*' in the 'E' field. The search button is labeled 'BUSCAR'. Below the search bar, it shows '18 resultados' and a 'Selecionar tudo' checkbox.

Fonte: Portal de Periódicos da Capes.

Descrição: A figura 2 apresenta a estratégia em inglês, com o uso dos termos: autis* and librar*



Como descrito nas figuras acima, na estratégia de busca foram utilizados, em português, os termos: “bibliotec*” and “autis*”. E na busca em inglês os termos: “autis*” and “librar*”. Ambas as estratégias foram realizadas na busca avançada, com escopo: “buscar tudo”; no campo título, com o limite: “contém” os termos utilizados em cada busca, com o limite nos últimos cinco anos². Os asteriscos foram utilizados visando recuperar todas as variações. Com estas estratégias foram encontrados 3 artigos em português e 18 em inglês. Foram citados os trabalhos cujo os conteúdos contribuíram para o tema proposto. Este pequeno número pode nos levar a pensar que o tema precisa ser mais desenvolvido no Brasil e no mundo³.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O aumento das taxas de TEA vem sendo sentida pela sociedade por vários motivos. Destacam-se alguns desses motivos para o aumento dos diagnósticos: a maior divulgação sobre o tema; a fusão dos transtornos autistas feita em 2013, e a maior capacidade de diagnosticar “indivíduos com tea de alto funcionamento que não foram diagnosticados no passado” (Shea; Derry, 2019, p. 327, tradução nossa). O aumento do índice de crianças diagnosticadas também promove a descoberta do TEA em adultos próximos, o que contribui, ainda mais, com o aumento dessa taxa.

Deste modo, por conta das melhores condições dadas às crianças com TEA hoje, no futuro as universidades e as bibliotecas universitárias poderão receber mais estudantes com TEA (Shea; Derry, 2019). E assim, os bibliotecários precisam buscar mais informação para oferecerem melhores condições (Small; Schriar; Kelly, 2019); promover uma maior inclusão, e talvez um aumento das taxas de retenção e conclusão dessas pessoas. Caron e Mombelli (2023)⁴, em revisão integrativa, encontraram pesquisas nos Estados Unidos sobre como as bibliotecas atendem as pessoas com TEA, mas afirmam

2 Neste levantamento foram encontrados e aproveitados trabalhos de 2019 por sua pertinência, e pela falta de literatura. Foram aproveitados também artigos citados por outros autores do levantamento.

3 A falta de relatos sobre o tema foi pontuada por Braunberger (2021), em relação a literatura estrangeira. E também pela revisão integrativa realizada por Caron.; Mombelli (2023) no Brasil, que sinalizou a ausência de artigos relativos a inclusão de pessoas com TEA em bibliotecas universitárias, apesar de existir literatura focada na inclusão de pessoas com deficiência.

4 Caron e Mombelli, 2023 citam Shea; Derry, 2019; Everharta; Anderson, 2020; James Cho, 2018; Anderson, 2021; Pionke; Knight-Davis; Brantley, 2019; Remy;Seaman, 2014, no trecho citado.



que “há uma escassez de estudos sobre o que os bibliotecários devem fazer para que realmente haja esta inclusão.”

Neste contexto, destaca-se a importância de “envolver mais diretamente os estudantes com TEA e considerar suas demandas como usuários da biblioteca” (Shea; Derry, 2022, p. 5, tradução nossa). É importante também que se evite o capacitismo, ou seja, medir a capacidade de uma pessoa pela deficiência que ela tenha. Shea e Derry (2019, p. 328, tradução nossa) trazem também o posicionamento de Lawrence (2013, p. 104 *apud* Shea; Derry, 2019, p. 328, tradução nossa) que “acredita que os bibliotecários são obrigados a se envolver com a neurodiversidade⁵ porque a profissão está comprometida em ‘fornecer serviços de informação, inclusivos e equitativos’”. Eles afirmam também, que ela sugere “que os bibliotecários mudem a discussão sobre TEA, gerando estudos que tratem as pessoas com TEA como pessoas e não como exemplos dos critérios do DSM”.

Neste sentido, Svaler (2024) destaca, como resultado de uma pesquisa com estudantes com TEA, diagnosticados e não diagnosticados, cinco barreiras potenciais:

[...] a interação social; ansiedade; sobrecarga sensorial; lugares sentados insuficientes; e *não ter onde se esconder*. Além destas, menos da metade dos participantes selecionaram barreiras como não ter espaços seguros para *meltdown* ou *shutdown*⁶, incerteza ou confusão; não saber como ou onde pedir ajuda; dificuldades de navegação no espaço físico; e uma sensação de deslocamento ou de não ser aceito. Muito poucos escolheram dificuldades de leitura e/ou aprendizagem; medo de ser estereotipado; estar subestimado; dificuldades na leitura de cartazes informativos; ou nenhuma das anteriores (Svaler, 2024, p. 50, traduçãoe grifo nosso).

Com as respostas desta pesquisa, de outras que poderão ser realizadas, além da atenção a essas pessoas e as suas demandas, pode-se criar espaços, produtos e serviços adequados. Mas é importante lembrar que o capacitismo não deve acontecer. Anderson (2021a, p. 5, tradução nossa) ressalta a “ideia de design universal onde tais modificações podem ser benéficas para todos”. Destaca-se também o uso da “linguagem simples”

5 “[...]neurodiversidade é a ideia de que variações neurológicas, como o TEA, devem ser entendidas como uma diferença humana normal” (Lawrence, 2013 *Apud* Shea, Derry, 2019, tradução nossa).

6 *Meltdown* pode ser traduzido por colapso e *shutdown* por desligamento. Assim: “*Meltdown* é definido como uma intensa reação física ou verbal a uma situação ou ambiente estressante. Isso pode incluir agredir verbal ou fisicamente outras pessoas e também pode incluir gritar, berrar, reclamar, chutar, bater ou morder”. E o *shutdown* “é uma reação diferente à sobrecarga sensorial, estresse ou exaustão mental e física. Isso pode incluir não ser capaz de se comunicar de forma alguma, ficar completamente silencioso e rígido e não ser capaz de se mover ou responder ao que está acontecendo ao seu redor” (Slavny-Cross, 2023, Tradução nossa).



como aliada neste trabalho. Essas ações poderão dar as pessoas com TEA o suporte necessário à sua jornada, auxiliando também a todos os outros usuários, promovendo a inclusão e evitando o capacitismo.

Walton e McMullin (2021) apresentam um relato de experiência da transformação de uma das salas da biblioteca em um espaço de instrução para usuários com TEA. Relatam que o mobiliário foi praticamente o mesmo, com acréscimo de *puffs*. Nesta sala as fileiras das calhas das luzes podem ser ligadas separadamente, proporcionando escolha na quantidade de luz, além das janelas como luz natural. As autoras ressaltam a participação dos alunos nesta implementação; o fornecimento de regras claras para o uso do espaço e a apresentação do espaço a cada aluno, pois essas seriam características desejadas por pessoas com TEA.

Remy e Seaman (2014, tradução nossa *apud* Shea e Derry 2019) também forneceram recomendações para maior conhecimento, conscientização e melhor alcance de alunos com TEA, dizendo que as:

as bibliotecas poderiam aumentar a conscientização e a aceitação por meio de várias iniciativas, como o planejamento de eventos para o Mês de Conscientização do Autismo em abril, convidando especialistas em TEA para a biblioteca, incluindo pessoas com TEA, organizando painéis de discussão com alunos com TEA e destacando materiais da biblioteca sobre TEA (Remy e Seaman, 2014, tradução nossa *apud* Shea e Derry 2019, p. 329).

Evidencia-se a necessidade dessa conscientização para promoção da inclusão.

Faz-se necessária também a proatividade dos bibliotecários em buscar parcerias com os responsáveis pela inclusão de pessoas com deficiência em sua universidade (Anderson, 2021; Braumberger, 2021). Os bibliotecários da Eastern Illinois University fizeram esta parceria, e através de pesquisa com os usuários com TEA identificaram aquilo que estava sendo adequado e o que deveria se adequar. E assim, a biblioteca formou um grupo para continuar a buscar a adequação do espaço e dos produtos e serviços a todos os usuários de forma inclusiva (Pionke; Knight-Davis; Brantley, 2019). Salienta-se assim, a importância desses órgãos estarem prontos para preparar outras pessoas (Anderson, 2021a; Anderson, 2021b; Braumberger, 2021), pois somente com essa preparação pode-se ter a confiança de está realizando o atendimento adequado. Em Illinois, nos Estados Unidos, foi criado um programa estadual com uma iniciativa de capacitação colaborativa para apoiar bibliotecários na prestação de serviços a clientes com TEA. Este Programa oferece: fóruns anuais presenciais, *workshops* em grupo,



acompanhamento individualizado, *webinars*, *blogs* e um programa *on-line* individualizado para indivíduos ou grupos” (Small, R. V.; Schriar, S.; Kelly, M. P., 2019, p. 78).

Como dito, os diagnósticos de TEA estão aumentando, e bibliotecários também estão sendo diagnosticados. White (2021) afirma que adultos que cresceram em bibliotecas estão se tornando bibliotecários por este ambiente ter se tornado familiar. E neste contexto, as bibliotecas podem está se tornando um espaço de trabalho potencial e promissor para pessoas com TEA. E com isso acredita que essas pessoas devem ser incentivadas a contribuir na adaptação do ambiente, produtos e serviços. Anderson (2021a, p. 7) aponta a biblioteconomia como uma “carreira gratificante para alguns adultos autistas”, mas sinaliza a existência de algumas barreiras. E após uma pesquisa com bibliotecários autistas e apresenta algumas diretrizes para pesquisa com pessoas autistas:

- a) construir opções acessíveis para todos os participantes, especificamente: permitir opções de participação que ofereça a possibilidade de preparação anterior e o fornecimento de instruções claras e explícitas;
- b) envolver os participantes na medida em que desejam se envolver e compensar adequadamente;
- c) construir respeito mútuo por meio da empatia e honestidade;
- d) trabalhar para atender a uma necessidade real, conforme descrito pelos próprios membros da população;
- e) e evitar suposições (Anderson 2021a, p. 5-7, tradução nossa).

Essa pesquisa com bibliotecários com TEA pode ser uma base para outras, que intentem identificar as necessidades informacionais dos usuários com TEA, visando a elaboração e modificações de produtos, serviços e espaços customizados. Outra contribuição de bibliotecários autista é apresentada por Giles-Smith e Popowich (2023, p. 7-11, tradução nossa) que identificam algumas das barreiras apontadas por esses bibliotecários, como: “biblioteca como espaço inseguro”; “dificuldades sociais no trabalho”; “dificuldades para solicitar acomodação” e “necessidade de melhor compreensão do autismo”.

Conforme o que foi pontuado, as pessoas com TEA são indivíduos, não podendo ser padronizados. Os neurodivergentes, como as pessoas com TEA, têm formas



diferentes de funcionamento do cérebro, e como todos, são diferentes. Assim, cada vez mais, as bibliotecas universitárias precisam buscar oferecer a esse e a todo usuário/cliente, serviços, produtos e espaços personalizados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito, a pesquisa sobre o tema transtorno do espectro autista em bibliotecas universitárias apresentou poucos resultados, no Brasil e no exterior. Pelo menos dois artigos pontuaram este fato (Braunberger, 2021; Caron; Mombelli, 2023), e muitos sinalizaram a necessidade de mais pesquisas e ações na área. Com o aumento dos diagnósticos é fundamental que os bibliotecários busquem mais informações sobre o tema, de modo que se possa atender as necessidades informacionais das pessoas com TEA de forma mais adequada. O suporte atitudinal e informacional é imprescindível para que essas necessidades sejam atendidas.

A literatura analisada apresentou as contribuições de bibliotecários e usuários com TEA que podem oferecer suporte na adequação de produtos, serviços e espaços. A colaboração com os órgãos responsáveis pelas ações de inclusão na universidade foi outro caminho registrado. Recomenda-se a realização de trabalho de pesquisa, de relacionamento com esses usuários visando a identificação de suas necessidades. As bibliotecas universitárias devem estar prontas para atender a todo usuário, cliente/consumidor, identificando-os, buscando atender suas necessidades informacionais de forma cada vez mais personalizada para que possam continuar a ser uma das principais fontes de informação nesta sociedade (Amaral, 1996; 2017; Santos; Gomes, 2022; Kuchi, 2022), e possam contribuir com o aumento das taxas de retenção e conclusão. E as pessoas com transtorno do espectro autista são mais um desses usuários que devem contar com o suporte para o alcance do sucesso acadêmico.

Para isso, é fundamental a busca da competência, vista como desenvolvimento de conhecimento, habilidade e principalmente atitude. A criação de serviços, produtos, e espaços para apoiar as pessoas com TEA pode melhorar as taxas de retenção e sucesso acadêmico, contribuindo para uma vida mais inclusiva. É importante que pesquisas sejam feitas com e sobre esse público, programas de relacionamento e outras ações voltadas para essas pessoas, de modo que esses produtos e serviços realmente sejam



apropriados. E que essas ações sejam registradas, incentivando outras ações e produções neste sentido. E o "design universal" e "linguagem simples" podem ser consideradas formas mais fáceis de começar, por serem formas inclusivas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. Versão corrigida 2:2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2023.

AMARAL, S. A. Análise do consumidor brasileiro do setor de informação: aspectos culturais, sociais, psicológicos e políticos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 1, n. 2, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23146>. Acesso em: 3 jun. 2025.

AMARAL, S. A. Users, information consumers, and information service agencies from the marketing perspective. **TransInformação**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 27-38, Apr., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/chHyXrVkm35nhySbxx3S8rN/?lang=en>. Acesso em: 3 jun. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... *et al.*; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, c2013.

ANDERSON, A. M. Exploring the workforce experiences of autistic librarians through accessible and participatory approaches. **Library and Information Science Research**, [S. l.], v. 43, n. 2, Apr., p. 1-8, 2021a. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com.ez24.periodicos.capes.gov.br/journal/library-and-information-science-research/vol/43/issue/2>. Acesso em: 3 jun. 2025.

ANDERSON, A. M.; LAYDEN, S. J. Confident but lacking support: School librarians and students with autism. **Education Libraries**, [S. l.], v. 44, n. 1, 2021. Disponível em: <https://educationlibraries.mcgill.ca/article/view/368/350>. Acesso em: 3 jun. 2025.

ANDERSON, A. M.; ROBINSON, B. We adapt as needed: Autism services at liberal arts college libraries. **The Journal of Academic Librarianship**, [S. l.], v. 50, n. 1, Jan., 2024. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez24.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0099133323001568?via%3Dihub>. Acesso em: 25 maio 2024.

ANDERSON, A. From mutual awareness to collaboration: Academic libraries and autism support programs. **Journal of Librarianship and Information Science**, [S. l.], v. 53, n. 1,



p. 103-115, 2021b. Disponível em:

<https://www.academia.edu/download/95304725/096100062091862820221205-1-eu3vns.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BERTELLI, M. O.; BIANCO, A.; BONIOTTI, V.; CHAPLIN, E. Definition, Diagnosis, and Prevalence of Autism Spectrum Disorder. *In: THE PALGRAVE Encyclopedia of Disability*. Cham: Springer Nature Switzerland, 2025. p. 1-15. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 250, 28 dez. 2012. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=2&data=28/12/2012>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BRAUMBERGER, E. Library services for autistic students in academic libraries: A literature review. **Pathfinder**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 86-99, 2021. Disponível em: <https://pathfinderjournal.ca/index.php/pathfinder/article/view/39>. Acesso em: 3 jun. 2025.

CARON, M. S.; MOMBELLI, M. A. A biblioteca universitária e a comunidade acadêmica autista: revisão integrativa sobre inclusão. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 331-352, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/download/48405/50370>. Acesso em: 3 jun. 2025.

DESCRITORES em Ciências da Saúde: DeCS 2025. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2025. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

GILES-SMITH, L.; POPOWICH, E. Autistic Employees in Canadian Academic Libraries: Barriers, Opportunities, and Ways Forward. **Canadian Journal of Academic Librarianship**, [S. l.], v. 9, p. 1-22. DOI: <https://doi.org/10.33137/CJAL>. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/cjalib/2023-v9-cjalib07932/1106795ar.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

KUCHI, T. The strategic value of the liaison librarian's personal approach to client engagement. **Libraries and the Academy**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 651-679, 2022. Disponível em: <https://preprint.press.jhu.edu/portal/sites/default/files/kuchi.pdf>. Acesso: 14 jun. 2025.

OLIVATI, A. G. *et al.* **Guia de orientações sobre transtorno do espectro autista**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2020. Disponível em: <https://www2.unesp.br/Home/caadi/guias/guia-tea.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.

PIONKE, J. J.; KNIGHT-DAVIS, S.; BRANTLEY, J. S. Library involvement in an autism support program: A case study. **College & Undergraduate Libraries**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 221-233, 2019. Disponível em:



<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10691316.2019.1668896>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SANTOS, A. R.; GOMES, T. P. D. Programa de relacionamento para a gestão de coleções: uma proposta para bibliotecas universitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 29., 2022, Evento Virtual. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2635>. Acesso em: 26 maio 2025.

SHEA, G.; DERRY, S. Academic libraries and autism spectrum disorder: What do we know? **The Journal of Academic Librarianship**, [S. l.], v. 45, n. 4, p. 326-331, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133318303896#bb0150>. Acesso em: 26 maio 2025.

SHEA, G.; DERRY, S. A survey of library services for autistic college students. **Journal of Academic Librarianship**, [S. l.], v. 48, n. 6, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0099133322001070>. Acesso em: 26 maio 2025.

SIQUEIRA, B. (2025, May 23). Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil | Agência de Notícias. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>.

SIQUEIRA, Breno. Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. Arte: Licia Rubinstein. **Agência IBGE Notícias**, 23 maio, 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SLAVNY-CROSS, R.; ALLISON, C.; GRIFFITHS, S; BARON-COHEN, S. Are autistic people disadvantaged by the criminal justice system? A case comparison. **Autism**, [S. l.], v. 27, n. 5, p. 1438-1448, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/13623613221140284>. Acesso em: 26 maio 2025.

SMALL, R. V.; SCHRIAR, S.; KELLY, M. P. Targeting Autism in Libraries. **The International Journal of Information, Diversity, & Inclusion**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 78-88, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48645199>. Acesso em: 29 maio 2025.

SVALER, T. B. On making libraries and museums more accessible for autistic people. **IFLA Journal**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 42-52, 2024. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/03400352231202516>. Acesso em: 29 maio 2025.

WALTON, K.; MCMULLIN, R. Welcoming autistic students to academic libraries through innovative space utilization. **Pennsylvania Libraries**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 83-100, 2021.



Disponível em: <https://palrap.org/ojs/index.php/palrap/article/view/259>. Acesso em: 29 maio 2025.

WHITE, A. Autism and Libraries: Building Communities and Changing Lives. *In: **Hope and a Future:** Perspectives on the Impact that Librarians and Libraries Have on Our World.* London, Englan: Emerald Publishing Limited, 2021. p. 101-110.